

Táticas de reconquista do espaço: o #becomaravilha como construção coletiva de um lugar

Adriana Sansão

Aline Couri

Barbara Lapos

Joy Till

Priscila Luzardo

LabIT-PROURB-FAU/UFRJ (Laboratório de Intervenções Temporárias e Urbanismo Tático), Universidade Federal do Rio de Janeiro
Contato: contato@intervencoestemporarias.com.br

Introdução

“O balé da boa calçada urbana nunca se repete em outro lugar e, em qualquer lugar, está sempre repleto de novas improvisações” (JACOBS, 2001, p. 52).

O objetivo deste artigo é apresentar uma ação tática de reconquista de um espaço esquecido da cidade do Rio de Janeiro através de uma intervenção temporária realizada por estudantes de Arquitetura, Artes e Design, no âmbito da I Oficina de Intervenção Temporária¹.

A oficina teve como objetivos apresentar aos participantes as intervenções temporárias (intervenções de arte pública, apropriações espontâneas do espaço público e festas de rua) e discutir sobre sua capacidade de promover transformações graduais dos espaços públicos. A partir das discussões teóricas e das imersões na área-objeto de estudo, a intervenção temporária #becomaravilha foi desenvolvida e executada com o objetivo de ativar a Travessa do Liceu, localizada próximo à Praça Mauá, entre o Edifício A Noite e o Morro da Conceição. Este “beco”, como denominaremos a partir de agora, é um espaço público que ficou esquecido após a revitalização recente da praça, dentro do contexto da Cidade Olímpica.

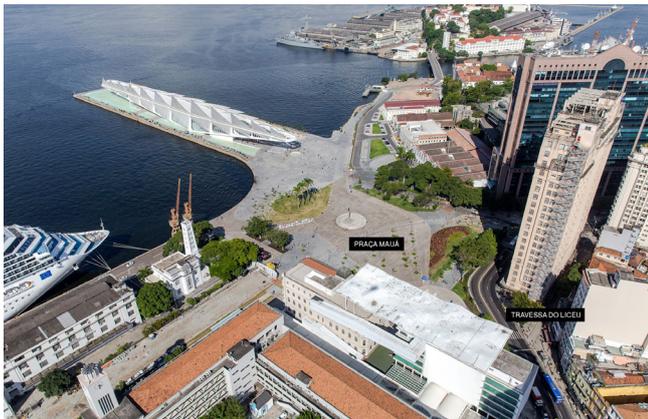
Ao longo do artigo, iremos contextualizar o lugar

da intervenção no âmbito maior da cidade do Rio de Janeiro, conceituar a **ação tática** empregada, apresentar o **método** adotado na intervenção e levantar alguns **desdobramentos** possíveis dessa construção coletiva.

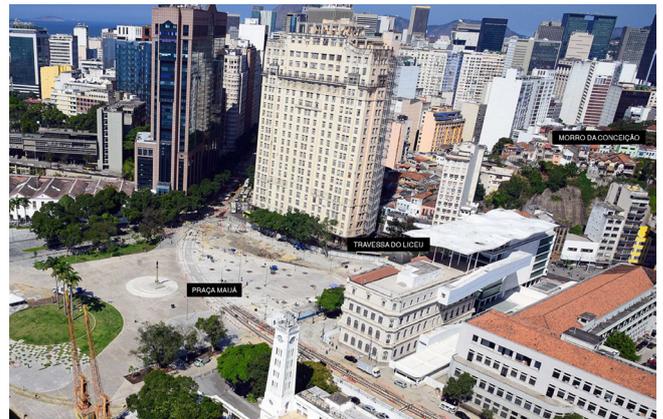
1 - Lugar

Segundo JACOBS (1961), fronteiras tendem a formar hiatos de uso em suas redondezas, sendo, muitas vezes, vistas como passivas ou pura e simplesmente como limites. No entanto, elas podem exercer uma influência ativa em seus contextos (2001, p. 285).

Para falar sobre o futuro do beco, espaço fronteiro, esquecido e subutilizado da “emergente”



Fonte: Google Earth



Fonte: Google Earth

Imagens 1 e 2 : Vistas aéreas da região em torno da Travessa do Liceu, delimitada pelo edifício A Noite e por uma das encostas do Morro da Conceição.

área central do Rio de Janeiro, vale a pena resgatar brevemente a história de seus dois importantes vizinhos: o Morro da Conceição e a Praça Mauá.

O Morro da Conceição é um dos quatro morros que delimitaram o núcleo originário da cidade e o único que permanece, de alguma forma, preservado. Sua primeira construção, a ermida Nossa Senhora da Conceição, data ainda do século XVII, mas, somente no século XVIII, o morro começou a ser ocupado por edificações, como o Palácio Episcopal e a Fortaleza da Conceição, tendo, no entanto, caráter predominantemente residencial (SIGAUD & PINHO, 2000), feição que se mantém até hoje ao longo de suas ruas estreitas, ladeadas por casas térreas e sobrados.

Até a década de 1990, o morro ainda era desconhecido por muitos, porém, nas últimas décadas, vem despertando maior interesse da sociedade e do poder público. Assim, suas bordas foram objeto de algumas intervenções, como projetos residenciais para áreas intersticiais desocupadas, projetos de reurbanização de áreas públicas, além das importantes restaurações dos Jardins Suspensos do Valongo e da Igreja de São Francisco da Prainha, na Rua Sacadura Cabral.

Já a Praça Mauá, área bem mais popular da cidade, foi urbanizada na década de 1910 como parte das

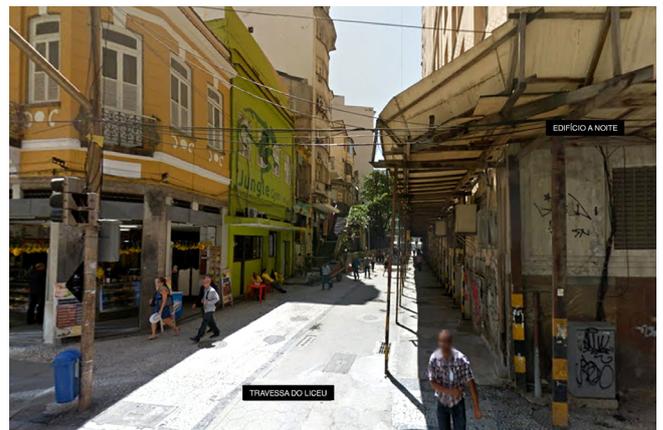
obras do Porto do Rio de Janeiro, no âmbito das reformas urbanas de Pereira Passos. Antigo Largo da Prainha, estreita faixa de areia existente desde a fundação da cidade e que foi se alargando em sucessivos aterros, a praça foi o coração comercial do capitalismo escravista e do comércio do café desde o início do século XIX (CEZAR & CASTRO, 1989).

Épocas de glória e de decadência sucederam-se nesse lugar. Foi lá o local da construção da estação de passageiros, na década de 1920, quando a praça se converteu no cartão de visitas da cidade. Foi também o local da construção do edifício A Noite, erigido sobre a demolição do Liceu Literário Português e de outros imóveis localizados entre a praça e uma das subidas do morro (Ladeira João Homem), originando a Travessa do Liceu em seus moldes atuais. O edifício A Noite foi o primeiro arranha-céu da América Latina, projeto de Joseph Gire e Belisário Pena, concluído em 1930, e que abrigou por 75 anos a Rádio Nacional. Juntamente com a estação de passageiros, essa construção transformou a área em um local cosmopolita e boêmio da capital, o que perdurou por algum tempo.

Alguns fatos colaboraram com a progressiva degradação da praça, como a construção do



Fonte: Google Earth



Fonte: Google Earth

Imagens 3 e 4: Vistas do beco a partir das suas duas extremidades.

terminal rodoviário que potencializou sua característica de passagem e a proliferação de estacionamentos nas áreas livres do píer Mauá e da própria praça. Na década de 1950, a área sofreu grande impacto com a construção do elevador da Perimetral, que fechou parcialmente a vista da Baía de Guanabara e ocultou alguns edifícios importantes do entorno da praça, como o Mosteiro de São Bento (originário do século XVII) e o Arsenal da Marinha, de 1872.

A área do porto, ao longo dos últimos 50 anos, foi objeto de uma série de projetos urbanos e pesquisas acadêmicas, que sempre ressaltam a degradação causada pelo elevador nesse contexto histórico. Recentemente, tendo em vista a Copa do Mundo (2014) e os Jogos Olímpicos (2016), foi decidido que o polêmico viaduto deveria ser demolido para

que a conexão visual perdida fosse resgatada. Em abril de 2014, a estrutura foi finalmente implodida, oferecendo uma nova perspectiva da praça e a sensação de maior espaço aberto. Um “novo” espaço público surgiu, assim, para a cidade.

O Projeto Porto Maravilha é o motor da transformação atual do lugar. Este prevê, além da demolição da Perimetral e da criação da via Binário do Porto, novo sistema de mobilidade baseado em VLTs, reurbanização de vias, nova legislação edilícia considerando a verticalização do solo, construção de equipamentos culturais e abertura da frente marítima através de bulevar peatonal (DIAS, 2010).

Objeto de um novo projeto urbano, a cargo do escritório associado B + ABR – Backheuser e Riera Arquitetura, a praça foi pedestralizada e

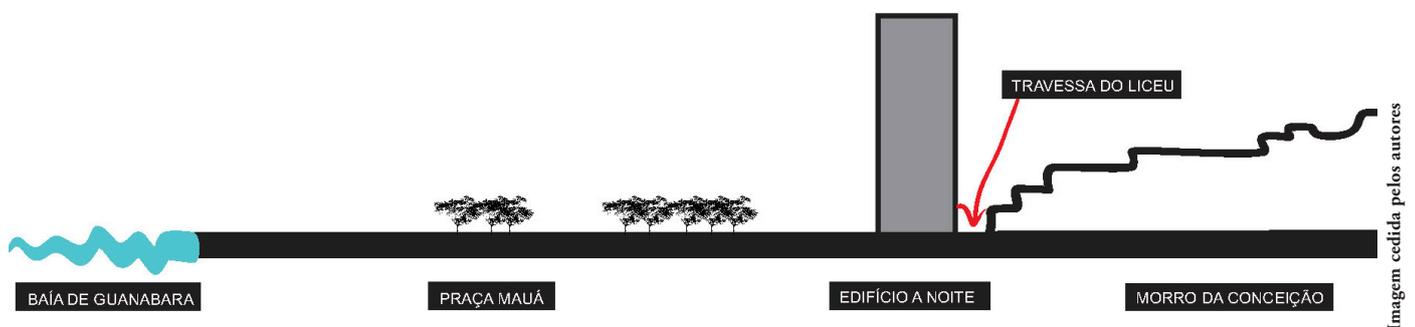


Imagem cedida pelos autores

Imagens 5: Perfil da área: mar, praça, edifício, beco, morro.

passou a articular os edifícios históricos com os novos edifícios culturais, como o Museu de Arte do Rio e o Museu do Amanhã. Sobre a Praça Mauá, KAMITA (2015) comenta que “os verbos fundamentais do partido são todos subtrativos: implodir a perimetral, desfazer as ruas limítrofes que cerceavam o livre movimento, destituir a prerrogativa do automóvel frente ao pedestre” (KAMITA, 2015).

Enquanto todas essas obras estavam em curso, o edifício A Noite também entra em processo de revitalização e a Travessa do Liceu, nesse contexto de grandes transformações, se mantém inalterada, exceto pela retirada do comércio ambulante que lá permaneceu ao longo dos últimos 40 anos, em uma operação de tábula rasa que coincide com a proximidade da inauguração da praça². Consolidase, portanto, como um território de fronteira entre essas duas cidades - a antiga e local, e a moderna e global. Um vazio de uso e significado que ganha a possibilidade de conectar os tecidos “grão fino” do Morro da Conceição e “grão grosso” dos equipamentos da nova Praça Mauá.

2 – Tática

“Cidades precisam de grandes projetos, mas também de pequenas táticas”

(LYDON & GARCIA, 2015).

Apresentamos algumas das grandes transformações que deram forma à nossa cidade, advindas de decisões em grande parte políticas, fato que levanta questões sobre seu reverso: que formas de intervenção são possíveis quando o Estado se retira e como as transformações urbanas podem refletir os interesses de todos. Falta incluir o cidadão no processo, inventando novas alternativas de atuação que tragam à tona o valor do pequeno como forma de reação à política convencional que, normalmente, deseja construir o grande. Como diria HARVEY, “há no urbano uma multiplicidade

de práticas prestes a transbordar de possibilidades alternativas” (HARVEY, 2014).

É necessário expandir a arquitetura. Precisamos de uma teoria que seja praticável, que convoque os cidadãos a participarem, os arquitetos a reinventarem, os acadêmicos a repensarem e os políticos a se responsabilizarem (BELL & WAKEFORD, 2008). O trabalho da oficina, nesse sentido, foi o de explorar alternativas, buscando potencializar situações existentes, intensificar a experiência urbana cotidiana, reconquistar lugares e dar identidade a espaços degradados, colaborando para transformações efetivas a médio e longo prazo.

A abordagem tática, através da intervenção temporária no beco, foi a maneira escolhida para materializar essa experiência, abordando o espaço público como lugar para o engajamento democrático e não enquanto um negócio (FERGUSON, 2014), propondo espaços-tempo suspensos, distintos da lógica de produção-consumo comumente empregada nos Grandes Projetos Urbanos (GPUs); por sua vez, instrumentos apropriados por governos para reestruturação de espaços degradados dentro do contexto da competição entre cidades (ANDREOLI & MOREIRA, 2015).

Recorrendo ao conceito de LYDON & GARCIA (2015), urbanismo tático é a abordagem para construção e ativação de vizinhanças, que usa intervenções e políticas de curto prazo e baixo custo. Abordagens táticas contemplam um universo de atuações com foco no pequeno (escala PP) e de caráter bottom-up (de baixo para cima). Identificadas como processos de atuação emergentes, permitem que profissionais como arquitetos, designers e artistas trabalhem “perto do chão”, reforçando sua responsabilidade social e incentivando a cooperação com outros profissionais e com a sociedade. LYDON & GARCIA (2015) ressaltam que essas intervenções ainda têm como características serem descentralizadas, extraordinárias, ágeis, conectadas, “mão na

massa”, de baixo custo e “low tech”, o que as tornam respostas rápidas e de fácil execução para circunstâncias específicas do século XXI, escapando da morosidade dos projetos urbanos convencionais que buscam um caráter permanente.

As cidades são um imenso laboratório de tentativa e erro, e fracasso e sucesso em termos de construção e desenho urbano (JACOBS, 2001, p. 5). Assumindo essa condição, optamos pela realização de uma intervenção tática de caráter transitório, cientes de que, apesar de temporárias, as intervenções podem desencadear processos mais duradouros, conduzindo a transformações permanentes (FONTES, 2013) em função da receptividade e adequabilidade à situação existente. Dessa forma, a cidade passa a ser vista como um laboratório para testar ideias em tempo real, que podem se estabelecer no futuro. KRONENBURG (2008) já dizia que “a utilização não oficial de determinados espaços chama a atenção sobre o valor dos mesmos e os conduz a investimentos e melhorias mais formalizadas”.

A reivindicação do espaço público atravessa a necessidade urgente de disseminação do conhecimento útil e de práticas efetivas. Reivindicar o espaço público requer engajamento criativo de uma ampla gama de cidadãos e redes, e a reapropriação e reavaliação crítica dos espaços de reconhecimento e engajamento (BELL & WAKEFORD, 2008, p. 91). Baseados nessa iminência, criamos a I Oficina de Intervenção Temporária, ambiente interdisciplinar onde se materializou a intervenção #becomaravilha, como veremos a seguir.

3 – Método

No sentido de construir um projeto com multiplicidade de visões e conhecimentos, apostamos na mistura entre vinte e oito estudantes de todas as instituições envolvidas. Alunos da FAU-UFRJ, EBA-UFRJ, Design e Arquitetura da PUC-

Rio e do curso de nível médio da Escola Padre Dr. Francisco da Motta compuseram o grupo.

Apresentamos aos alunos um problema aberto: identificar um lugar para produzirmos uma intervenção temporária colaborativa, a ser definida a partir do pensamento do grupo interdisciplinar. A dinâmica da oficina conformou-se como um processo projetual exploratório, mesclando aulas expositivas, reconhecimento da região, trabalhos práticos em grupo, pesquisas de referências e construção material da intervenção.

Como observa CROSS (2011), em um projeto de design, o briefing não deve ser encarado como uma especificação para uma solução, mas como um ponto de partida para uma viagem exploratória. Nesse sentido, o designer “parte para explorar e descobrir algo novo, ao invés de alcançar um lugar já conhecido, ou retornar com outro exemplo que já lhe é familiar” (CROSS, 2011, p. 8).

Enquanto os universitários detinham maior conhecimento de aspectos técnicos e projetuais, os alunos da Escola possuíam a experiência de moradores do Morro da Conceição e arredores: a vivência do lugar. Para estimularmos a troca dos diferentes saberes, exercícios para o desenvolvimento do pensamento coletivo foram realizados, apoiados por conteúdo teórico abordando o tema das intervenções urbanas temporárias. As atividades geradoras de ideias foram articuladas com as imersões no local e com as referências pesquisadas por todos, no sentido de identificar oportunidades de ações e construir situações de mudança.

Técnicas e ferramentas utilizadas em abordagens de Design Thinking³ centradas na cocriação, tais como brainstorming e mapas mentais, observação e interpretação coletiva e equipes interdisciplinares foram aplicadas ao longo da oficina. Dessa forma, estimulou-se o pensamento crítico e criativo, tanto na aproximação do tema e entendimento do contexto, como na conceituação do projeto

e definição de alternativas de abordagem. Nesse sentido, o processo projetual iniciou-se com um problema aberto, foi alimentado com conhecimento teórico e referências para gerar inspiração e suscitar interesse em novas pesquisas e levou os participantes à imersão no local, apontando para a definição de oportunidades de atuação. Nas primeiras oportunidades, o pensamento colaborativo foi estimulado em equipes interdisciplinares que afinaram as ideias iniciais e desenvolveram as propostas, considerando as condições efetivas para a sua produção.

O curso iniciou-se com a exposição do tema da intervenção temporária⁴ através dos critérios que a caracterizam – pequena, transitória, particular, subversiva, interativa, ativa, participativa e relacional; das tipologias de intervenções - apropriações espontâneas, arte pública e festas locais, assim como o conceito de amabilidade urbana, ou seja, a qualidade que surge da articulação entre as características físicas do lugar, as pessoas que o utilizam e as intervenções temporárias que conectam as pessoas nesse espaço. Foram abordados temas como o urbanismo tático,

voltado a ativar locais esquecidos ou subutilizados; o ativismo urbano, como forma de reivindicação do espaço público e a sustentabilidade, baseada na ideia do reaproveitamento e cooperação.

O encontro seguinte foi dedicado a conhecer o contexto em torno do Morro da Conceição, buscando a aproximação com o lugar e a compreensão de seus problemas e potencialidades. Os alunos da escola tiveram a oportunidade de apresentar muito do que viviam cotidianamente a todo o grupo, enquanto a visita também os fez descobrir lugares nunca frequentados.

O percurso partiu do Largo São Francisco da Prainha e seguiu pela Rua Sacadura Cabral até a Travessa do Liceu. Os alunos da escola nos descreveram as recentes modificações e seus impactos na comunidade local, especialmente a preocupação quanto à retirada dos vendedores ambulantes há muitos anos ali instalados. De lá, o grupo se desviou para a Praça Mauá, onde os estudantes puderam conhecer a praça recém-inaugurada, as obras e os novos edifícios da região. Nessa visita, o Museu do Amanhã e a infraestrutura



Fonte: Google Earth

Imagens 6: Percurso realizado coletivamente, saindo da escola e reconhecendo seu entorno.

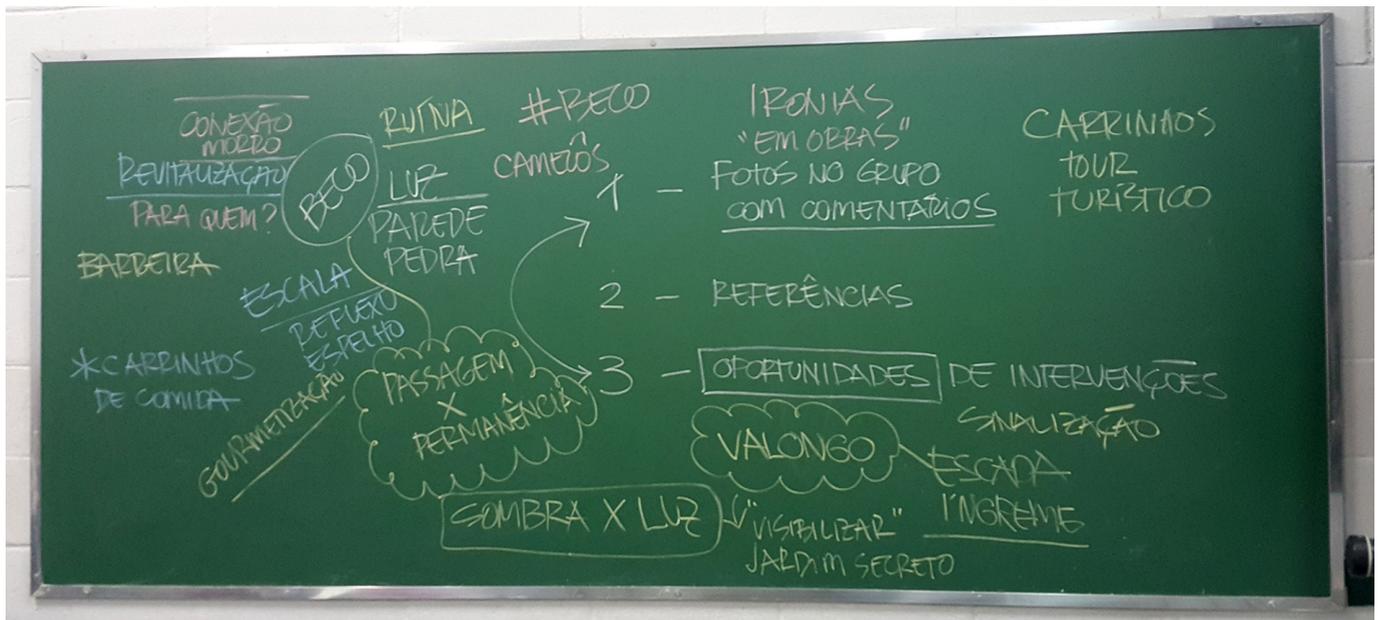


Imagem cedida pelos autores

Imagem 7: Mapa de ideias pós imersão: questões relacionadas aos dois locais mais destacados na visita.

do VLT ainda não estavam finalizados. Desse ponto, retornou-se à Rua Sacadura Cabral em direção à Rua Camerino, onde pudemos observar novas ocupações do casario com atividades culturais. De lá, o grupo alcançou os Jardins Suspensos do Valongo, desconhecidos por muitos e, finalmente, acessou o Morro da Conceição por esse ponto, percorrendo parte de seu cume e retornando à escola pela Rua do Jogo da Bola.

Dois locais polarizaram a turma: os Jardins do Valongo e a Travessa do Liceu. Enquanto os jardins traziam como questão fundamental sua falta de visibilidade e pouca integração com a cidade, a área do beco mostrou-se muito instigante quanto à diferença de tratamento obtida em relação à Praça Mauá revitalizada.

Diversas observações e registros foram realizados, gerando o primeiro mapa de ideias do grupo. O que havia sido livremente vivenciado por todos na visita começou a receber as primeiras associações.

Com a experiência da imersão, da aula teórica inicial e das pesquisas propostas para realização individual, os estudantes puderam amadurecer

as ideias iniciais para a intervenção. Através da utilização da comunicação em rede, via grupo criado no Facebook⁵, sugerimos que todos compartilhassem referências de intervenções comentadas, para que gerássemos um pensamento constante e coletivo. O espaço virtual ofereceu condições para a articulação de tarefas durante a semana, fora do espaço de sala de aula, possibilitando uma produção contínua de novos conhecimentos e inter-relações.

“Cada vez que o ser humano organiza ou reorganiza sua relação consigo mesmo, com seus semelhantes, com as coisas, com os signos, com o cosmo, ele se envolve em uma atividade de conhecimento, de aprendizado” (LÉVY, 2003, p. 121). Para o autor, a inteligência coletiva (IC) é, basicamente, a partilha de funções cognitivas, como a memória, a percepção e o aprendizado. O autor destaca o papel dos sistemas tecnológicos ora existentes, nos oferecendo ambientes que favorecem a troca e interação entre seus participantes.

O suporte do ciberespaço nos permitiu a revisão semanal das definições de sala de aula, a publicação



Imagens cedidas pelos autores

Imagens 8 e 9: Grupos trabalhando em sala, na organização e associação de ideias.

e a discussão de referências, e o uso como suporte de produção, organizando registros, documentos e as distribuições de tarefas.

A partir das aulas seguintes, as referências pesquisadas e trazidas para os encontros presenciais foram articuladas com o olhar sobre o lugar e com os possíveis tipos de intervenção de interesse do grupo. Realizamos dinâmicas gráficas em grupos heterogêneos, estimulando a interação de diferentes repertórios. Os mapas mentais produzidos por cada grupo permitiram que os alunos organizassem suas propostas e as apresentassem como um conjunto de possíveis abordagens.

A apresentação de cada grupo estimulou o surgimento e o aprimoramento de novas ideias pela discussão coletiva, o que acabou culminando na definição do local de intervenção: a Travessa do Liceu, ou “beco”.

A intervenção foi pensada por todos os grupos como um conjunto de ações, sendo as atividades

principais concentradas no próprio beco, acompanhadas por outros movimentos na área em torno.

Após a definição do local de intervenção, retomamos as aulas expositivas com a apresentação de algumas intervenções realizadas no âmbito acadêmico⁶. As ações táticas de pequeno porte apresentadas caracterizam-se por baixo custo e são produzidas coletivamente, colocando a mão na massa, elaborando desde seus respectivos conceitos e temas até a produção final do evento. Os métodos de produção utilizados nessas ações buscaram exemplificar materiais e processos previamente testados, no sentido de aprimorar o desenvolvimento da intervenção da oficina. As intervenções produzidas de forma colaborativa utilizam-se também das ferramentas disponíveis no espaço virtual, seja para a organização ou para a divulgação dos eventos, e são voltadas para o cotidiano urbano carioca, tendo como foco comum instigar a curiosidade dos cidadãos, provocando a

reflexão sobre o papel de cada um na luta por uma cidade mais humana (GEHL, 2013).

O debate seguinte articulou as pesquisas realizadas individualmente durante a semana com as exposições em sala, estabelecendo novas definições. Essa abordagem ao final de cada encontro permitiu que fosse afinado o conjunto de propostas, de acordo com a análise das condições para a produção do evento. Desse modo, à medida que o grupo avançava, desenvolvendo ideias e aprofundando nas soluções, eram também discutidas questões relativas aos processos construtivos.

Assim, as preocupações principais em relação ao beco foram sendo desenhadas e o conceito da intervenção foi sendo definido.

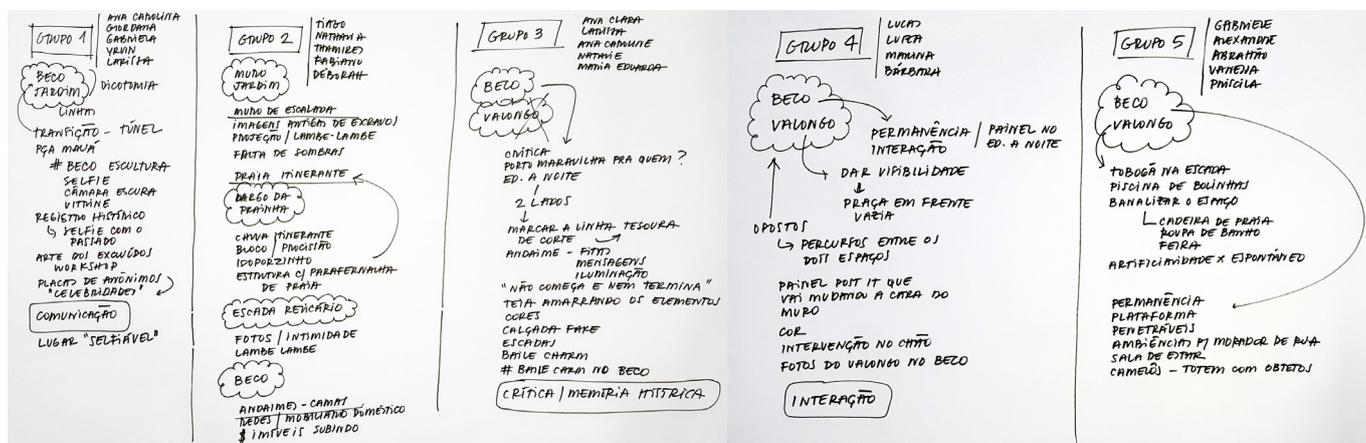
A aula expositiva seguinte⁷ abordou cronologicamente alguns movimentos artísticos no mundo, importantes para o embasamento da proposta de intervenção. A principal questão tratada foi a arte realizada em espaços públicos, fora de espaços institucionalizados. Dentro desse campo, foram apresentadas obras e ações que lidam com diferentes formas de agir e construir o espaço de vida cotidiano, ou seja, que, de algum modo, se posicionem criticamente em relação a um modo espetacular de vida nas cidades. Essas ações vão desde derivas, happenings e construções efêmeras a usos do vídeo em instalações e manifestações.

Novamente, ao final da exposição, fizemos os cruzamentos das questões, agora já iniciando o pensamento sobre possíveis materiais e processos relacionados com as alternativas propostas.

A última aula expositiva da oficina⁸ focou no processo de produção de uma intervenção, abordando suas etapas: "O QUÊ, QUANTO e COMO", usando como exemplo algumas intervenções já realizadas. A fase do "O QUÊ" se baseia na conceituação, na ideia inicial da intervenção e sua intenção; o "QUANTO" significa a quantificação dos materiais, recursos, pessoas, orçamento, escolha do lugar, transporte etc.; o "COMO" é o projeto final, com desenhos, maquetes, detalhamento e gestão do processo como um todo.

Após a apresentação das definições elaboradas na semana anterior, foi possível listar detalhes e necessidades para a execução da intervenção: o letreiro #becomaravilha, os materiais a serem comprados, os itens a serem produzidos conforme as propostas de cada grupo (túnel, quadros de madeira, banners, cartaz, hashtag tridimensional), a publicação nas redes sociais Instagram e Facebook com a hashtag #becomaravilha e as ações que aconteceriam no dia do evento.

Finalmente, a terceira imersão consistiu na intervenção #becomaravilha em si: uma grande



Imagens 10 e 11: Resumo das primeiras propostas de locais para as intervenções e seus conceitos.

Imagens cedidas pelos autores

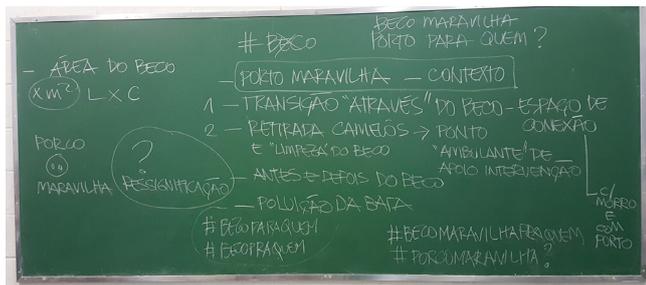


Imagem 12: Abordagens principais: beco como espaço de conexão e importância dos frequentadores esquecidos nas reformas recentes da área.

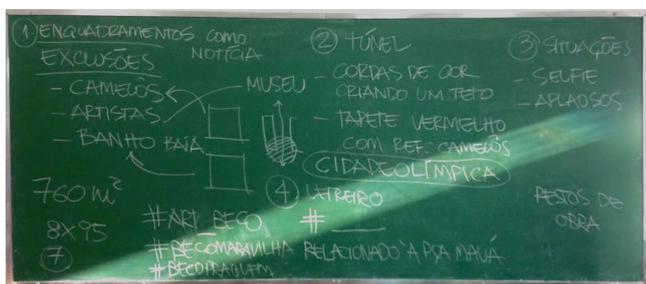


Imagem 13: Começam a ser delineadas quatro frentes de abordagem da intervenção.

Imagens cedidas pelos autores

área de lazer aberta ao público, definida por uma cobertura-túnel que estabeleceu a conexão da Praça Mauá com a subida do Morro. O letreiro #BECO proporcionou um diálogo irônico com o letreiro da #CIDADEOLÍMPICA, convidando os passantes a conhecerem esse local oculto e pouco apropriado do centro. Três pórticos localizados em pontos estratégicos criaram alguns enquadramentos da paisagem, chamando a atenção para problemas e potencialidades da região, e para o projeto implantado. Por fim, a intervenção ofereceu um pequeno espaço para shows e algumas áreas de estar, comércio e permanência para os moradores e usuários da zona portuária, além de algumas performances em vários pontos da região.

A intervenção teve início, de fato, com a entrega de “passaportes” carimbados a quem passava nos dois lados do beco. A ideia foi fazer uma crítica sutil ao Porto Maravilha, área revitalizada com limites físicos muito claros. O passaporte, nesse sentido,

Ações	Intenção	Definições/conteúdo (ao longo das aulas)	Pré-produção (segunda imersão)	Produção do evento (terceira imersão)
Enquadramentos	Trazer ao público os problemas e as potencialidades da área.	Estruturas de madeira vazadas com legendas, simulando notícias de jornais. Sobre rodinhas, os quadros circulam, levando as notícias aos transeuntes.	Montagem de todos os painéis de madeira para posterior fixação das mensagens impressas.	Fixação dos painéis em pallets com rodinhas, aplicação dos banners com as notícias de jornal.
Túnel	Delimitar o espaço da intervenção e chamar a atenção dos passantes à distância.	Cobertura vazada de fitas coloridas, áreas de estar com tapetes e pallets.	Execução de maquete do beco para estudo de fixação das faixas, disposição de tapetes para performances e áreas de estar; corte das faixas coloridas.	Fixação das faixas coloridas nos andaimes do edifício A Noite e nas laterais do beco; distribuição dos tapetes e dos pallets, designando espaços de convivência e estar.
Situações	Valorizar os passantes do beco, entrevistar os frequentadores e questionar a qualidade da água da baía.	Performances divididas em três atuações principais: entrega de passaportes aos passantes do beco, entrevistas e performance aquática na área da Praça Mauá.	Produção dos passaportes e carimbos, organização do material para as performances e definição de acessórios.	Entrega de “passaportes” carimbados; performances perto da baía com trajes de banho e máscaras de gás.
Comunicação	Convidar para a intervenção, divulgá-la em redes sociais e registrar o evento. Produzir o letreiro #BECO (contraponto ao #CIDADEOLÍMPICA na Praça Mauá).	Cartaz de divulgação, evento na rede social Facebook (convite para intervenção), conta no Instagram: @becomaravilha (divulgação dos registros no dia).	Impressão dos cartazes, criação das contas e da imagem nas redes sociais; produção das letras tridimensionais.	Finalização e instalação do letreiro #BECO; filmagem e entrevistas com os transeuntes; divulgação das imagens em tempo real nas redes sociais.

Tabela 1 – Distribuição das tarefas pelas equipes em quatro frentes de produção, de acordo com as propostas em sala.

registrava um momento de “entrada” e “saída” de uma zona marginalizada do processo, que é o beco.

Foram também realizadas entrevistas com os transeuntes sobre a revitalização na Praça Mauá; se ela de fato provocou melhorias, se foi inclusiva ou exclusiva, entre outras questões, além de performances perto da baía com trajes de banho e máscaras de gás simulando um mergulho em uma piscina com lixo seco, fazendo alusão à água poluída da Baía de Guanabara. De fato, alguns jovens moradores das redondezas estavam mergulhando na baía e, com isso, alguns dos participantes da oficina também se arriscaram a entrar.

Para completar, uma estrutura de som foi montada no acesso ao beco, próximo à praça, onde aconteceram apresentações de DJs e um grupo de samba/chorinho por toda a tarde. No largo de acesso, foi posicionado o letreiro #BECO, quase em frente à #CIDADEOLÍMPICA, fazendo uma crítica à não apropriação do beco na revitalização da área.

A experiência participativa de construção coletiva do evento, através de ações sitespecific, mão na massa, baixo custo e baixa tecnologia, considerando responsabilidades específicas, desenvolvimento de tarefas interdependentes e um grande grau

de ativismo gerou uma união grande entre os participantes, cada qual contando com o coletivo para o sucesso do evento.

4 - Resultados e desdobramentos

Uma intervenção urbana temporária, um flash mob, um happening, nunca podem ter seus desdobramentos previstos. Uma grande dose de acaso configura essas ações. É aí que está o seu potencial. Cria-se, projeta-se algo, que é construído fisicamente em grande parte como projetado. Porém, como é um tipo de intervenção pensado com e para pessoas, são elas, tanto as da equipe quanto as das ruas, que acabam improvisando de acordo com o que ocorre em cada momento. E – usando o próprio vocabulário situacionista – criam situações. Sendo assim, é impossível mensurar os resultados, apenas avaliar quais pontos se desdobraram em tantos outros que não eram previstos, mas que colaboraram para a diversidade de resultados e feedbacks.

A ação mostrou-se com grande poder na ativação de agenciamentos entre o grupo e a população local, tanto de moradores quanto de transeuntes. Tratando-se de um sábado, foi cogitado que não haveria muitas pessoas no local e que, talvez, isso



Imagens 14 e 15: Pré-produção no ginásio da escola.



Imagem 16: Registros da intervenção #becomaravilha: maquete de referência para a ocupação do beco.



Imagem 17: Registros da intervenção #becomaravilha: passaportes carimbados.



Imagem 18: Registros da intervenção #becomaravilha: performance na Praça Mauá.

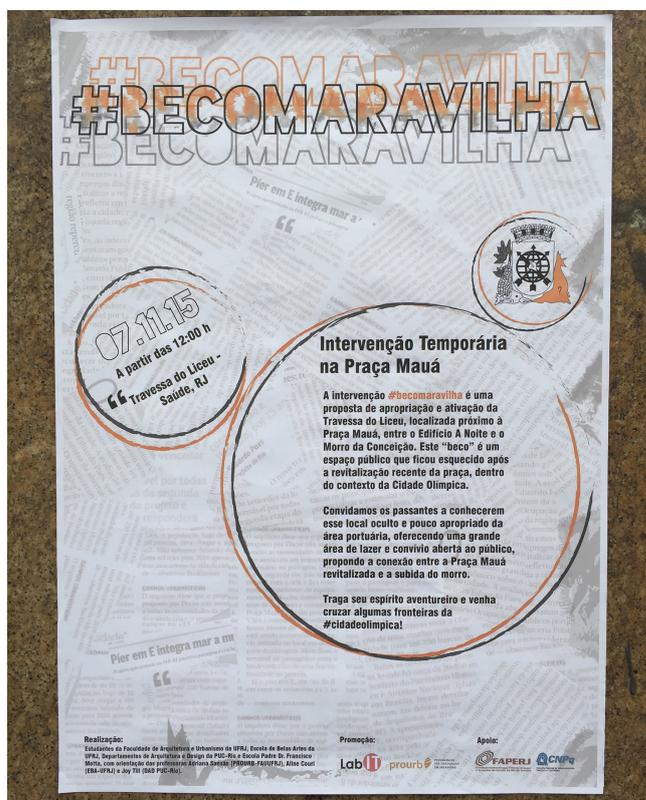


Imagem 19: Cartaz convidando para o evento.

fosse um obstáculo para o sucesso da experiência. Mas não: constatamos um fluxo constante de transeuntes através do beco. Um artista local adotou o projeto e se propôs a desenhar e pintar as letras da hashtag para fazer frente à versão maior e pasteurizada do logotipo “Cidade Olímpica”, que faz parte da revitalização da Praça Mauá. Já diria JACOBS (1961) que, aparentemente despreziosos, despropositados e aleatórios, os contatos nas ruas constituem a pequena mudança a partir da qual pode florescer a vida pública exuberante na cidade (2001, p. 78).

A apropriação de um beco degradado com fitas e tapetes coloridos, inicialmente, pareceu estranha aos transeuntes, que desviavam o percurso evitando “interferir” na obra em construção. Porém, através das situações criadas, logo se constatou a organicidade da proposta com o lugar. Os passaportes mostraram-se uma ferramenta muito

adequada na criação de triangulações (WHYTE, 1980), sejam conversas informais, debates rápidos e identificação mútua entre os participantes/ executores da intervenção e os passantes. Tanto esses fatos quanto as entrevistas com moradores e usuários colaboraram na criação de efêmeros grupos de discussão sobre as mudanças que ocorrem na área, sobre as experiências de vida de quem utiliza o local e, principalmente, sobre política, arte e espaço público.

A música é sempre uma catalisadora na quebra de barreiras comportamentais, funcionando como um ótimo agregador de movimentos. Já chegando ao término da intervenção, uma pista informal de forró estava formada. Pessoas comiam, dançavam, conversavam, bebiam e aproveitavam um lugar que foi totalmente esquecido no processo institucional de revitalização.



Imagem cedida pelos autores

Imagem 20: Parte do grupo de realizadores em um dos espaços de convivência criado com pallets e tapetes coloridos.



Imagens cedidas pelos autores

Imagens 21 e 22: O artista local Alexandre Vital, interferindo na hashtag tridimensional produzida para a intervenção.

O controle estético literal nas cidades é, geralmente, enfadonho, porque não abre espaço para a descoberta, a organização ou a participação cidadã (JACOBS, 2001, p. 421). Na contramão dos Grandes Projetos Urbanos (GDUs) e da revitalização que, muitas vezes, pressupõe o controle e o uso padronizado dos espaços públicos, a intervenção no beco subverteu a lógica se abrindo ao imprevisto. Assim se movendo, foi capaz de reconquistar um espaço degradado, mesmo que temporariamente.

Ao fim do evento, publicamos registros em vídeo⁹, ampliando o potencial de divulgação da intervenção #becomaravilha, de modo que possa inspirar outras ações na busca de uma cidade mais humana.

Para os que participaram, a pergunta que surgiu foi: quando haverá outra?

Considerações finais

Ao longo do artigo, apresentamos uma ação tática de caráter “faça você mesmo” (DIY) advinda da articulação entre academia e sociedade civil, que, apesar de realizada com poucos recursos, foi capaz de dar relevo a um contexto degradado.

Intervir no espaço público através de ações temporárias requer o exercício de posturas que, muitas vezes, não são as mais utilizadas em projetos urbanos, que se propõem mais perenes e contínuos. É preciso entender e jogar com a imprevisibilidade de processos humanos, condições climáticas, criação de empatia com o outro, entendimento da cultura e dos hábitos dos habitantes e praticantes daquele espaço.

Configura-se um tipo de arquitetura e urbanismo curiosamente muito mais imaterial do que material. Se o espaço físico é criado a partir de vontades dos sujeitos, é justamente por tentar fazer vir à tona essas vontades, críticas e sonhos das pessoas, que pouco a pouco vão sendo construídos novos espaços de vida. É através da troca e dos agenciamentos interpessoais que se fomentam novas reflexões e imagens futuras que representarão eixos ou destinos que definem onde se quer chegar. E, para se construir, é preciso que esteja claro o que queremos. Qual é a matéria desse novo urbanismo?

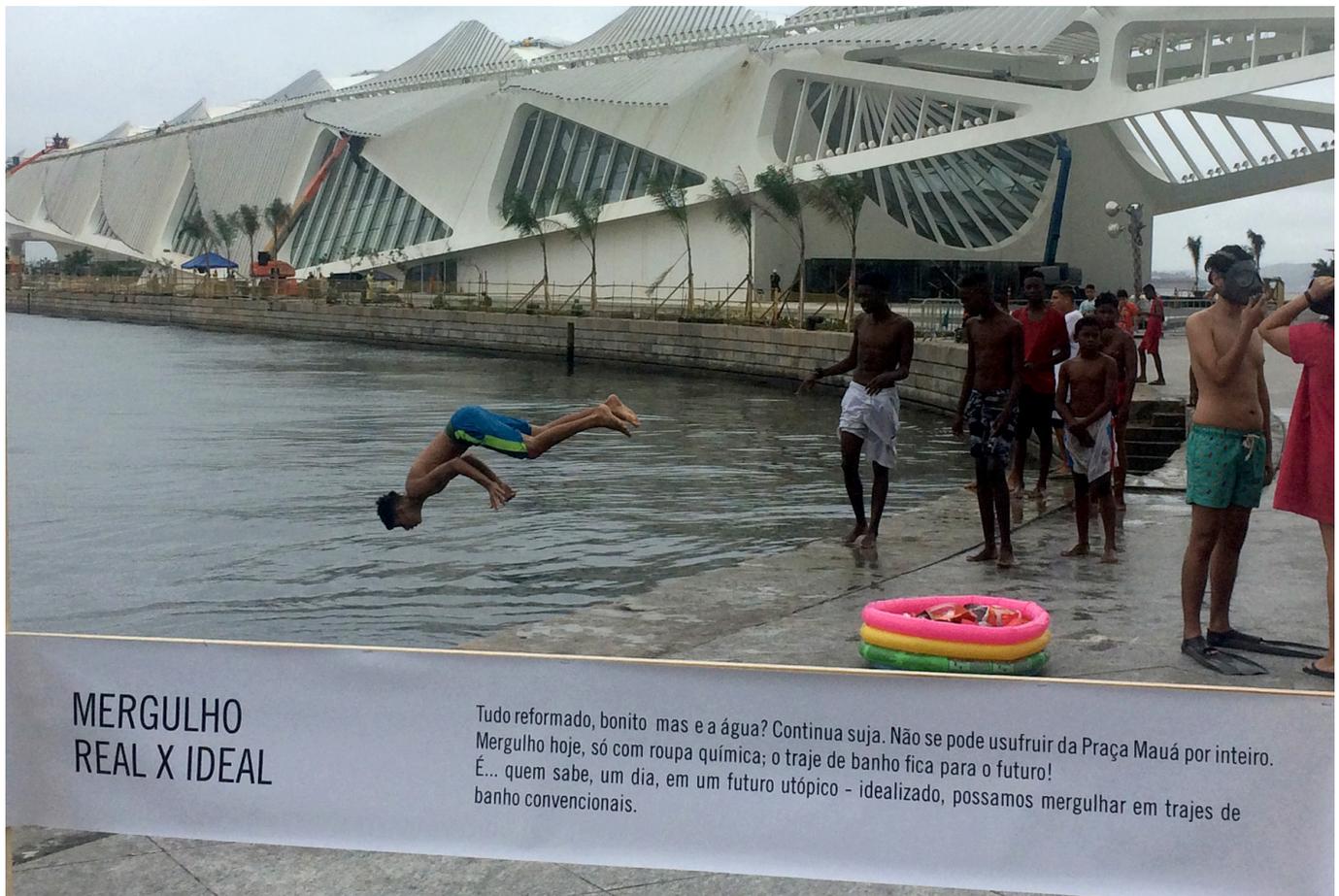


Imagem cedida pelos autores

Imagem 23: A notícia trazida pela intervenção é registrada ao vivo.

Notas:

1: A oficina foi um curso de extensão idealizado pelo LabIT-PROURB-FAU/UFRJ (Laboratório de Intervenções Temporárias e Urbanismo Tático), iniciativa interdisciplinar que envolve o PROURB-FAU/UFRJ (Programa de Pós-graduação em Urbanismo -FAU/UFRJ), a EBA/UFRJ (Escola de Belas Artes/UFRJ) e o Departamento de Artes e Design da PUC-Rio, e foi realizada em parceria com a AME - Associação dos Amigos da Escola Padre Dr. Francisco da Motta e com o Colégio Sonja Kill, localizados no Morro da Conceição - RJ, onde se desenvolveu. Ministrado pelas professoras Adriana Sansão (PROURB/FAU/UFRJ), Aline Couri (EBA/UFRJ) e Joy Till (Design/PUC-Rio), tendo como convidado Fernando Espósito (DAU/PUC-Rio), a oficina foi realizada em sete encontros, de setembro a novembro de 2015, totalizando uma carga horária de 30 horas.

2: Em conversa com alguns poucos vendedores que continuam no local, foi informado que os ambulantes, mesmo tendo autorização para ali trabalharem até dezembro de 2015, foram expulsos violentamente pela Guarda Municipal, que quebrou trailers e apreendeu mercadorias.

3: Expressão popularizada por David Kelley e seu colega Tim Brown, da consultoria de design e inovação IDEO. Caracteriza a abordagem de design baseada na produção de soluções criativas, através de trabalho colaborativo e experimental, em algumas fases de desenvolvimento, tais como descoberta (entendimento do problema), interpretação (aprofundamento do conhecimento), idealização (geração de ideias, pensamento colaborativo), experimentação (geração de alternativas e prototipação), escolha (definição e refinamento), implementação (produção e entrega, aplicação e gestão) e evolução (aprendizado e aperfeiçoamento).

4: Aula expositiva ministrada pela professora Adriana Sansão.

5: Grupo na rede social em: <https://www.facebook.com/groups/oficialabit2015>

6: Aula expositiva ministrada pela professora Joy Till

7: Aula expositiva ministrada pela professora Aline Couri.

8: Aula expositiva ministrada pelo professor Fernando Espósito.

9: Os vídeos produzidos pelo grupo, registrando a montagem, entrevistas e interações com os passantes podem ser encontrados em <<https://youtu.be/kxSdQAVgDPo>> e <<https://youtu.be/cbYUOdIqOOY>>.

Referências Bibliográficas:

ANDREOLI, M.; MOREIRA, T. Uma análise histórico conceitual dos megaeventos esportivos e seus desdobramentos na cidade contemporânea. EURE, mai. 2015. p. 289-307.

BELL, B.; WAKEFORD, K. Expanding Architecture. Design as activism. New York: Metropolis Books, 2008.

BROWN, T. Design Thinking: uma metodologia poderosa para decretar o fim das velhas ideias. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

CEZAR, P. B.; CASTRO, A. R. A Praça Mauá na memória do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Ed. Libris, 1989.

CROSS, N. Design Thinking: Understanding How Designers Think and Work. New York: Berg, 2011. p. 150.

DIAS, S. Rio de Janeiro e o Porto Maravilha. In: V. Andreatta, Porto Maravilha Rio de Janeiro + seis casos de sucesso de revitalização portuária. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2010.

FERGUSON, F. Make_Shift City. Renegotiating the Urban Commons. Berlin: Jovis Verlag, 2014.

FONTES, A. S. Intervenções temporárias, marcas permanentes. Apropriações, arte e festa na cidade contemporânea. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013.

GEHL, J. Cidades para Pessoas. São Paulo: Perspectiva, 2013.

HARVEY, D. Cidades Rebeldes. Do direito à cidade à revolução urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

JACOBS, J. Morte e vida de grandes cidades. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

KAMITA, J. M. A nova Praça Mauá: o Rio do espetáculo. Vitruvius Arquitectos, dez. 2015.

KRONENBURG, R. Arquitectura subversiva. In: Post-it City. Ciudades Ocasiones. Barcelona: CCCB, 2008.

LÉVY, P. A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

LYDON, M.; GARCIA, A. Tactical Urbanism: short-term action for long-term change. New York: Island Press, 2015.

SIGAUD, M. F.; PINHO, C. M. Morro da Conceição: da memória o futuro. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

WHYTE, W. The Social Life of Small Urban Spaces. New York: Project for Public Spaces, 1980.

